

# Recursos educacionais abertos nas aulas de língua inglesa: Criação de atividades alinhadas à Base Nacional Comum Curricular

Etiene Caroline Farias de Mello\*  
Clodis Boscaroli\*\*

## Resumo

Este artigo traz a proposição de atividades alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), utilizando as tecnologias digitais de informação e comunicação, objetivando demonstrar que esses recursos usados nos laboratórios de informática da escola podem ser promissores ao ensino de língua inglesa, fazendo reflexões sobre o uso, criação e compartilhamento de recursos educacionais abertos (REA), como incentivo à autoria, autonomia e colaboração entre alunos e professores. Utilizou-se da revisão bibliográfica para explorar o tema em questão, juntamente com a análise documental da BNCC para a elaboração das atividades. Conclui-se que incentivar os alunos a criarem REA, por meio do uso do computador e da internet, além de promover a pesquisa, é uma forma de despertar a criatividade por meio da autoria e da reflexão sobre o uso ético das informações disponíveis na internet.

**Palavras-chave:** ensino e aprendizagem de inglês, tecnologias digitais de informação e comunicação, autoria.

---

## Open educational resources in English-language classes: Creation of activities aligned with the common national curriculum base

### Abstract

This article proposes activities aligned with the national curricular common base (NCCB), using digital information and communication technologies, it aims to demonstrate that these resources used in the school's Informatics Labs can be promising to the teaching of English language, making reflections on the use, creation and sharing of open educational resources (OER) as an incentive to authorship, autonomy and collaboration between students and teachers. It was used the bibliographic review to explore the subject in question, along with NCCB's documentary analysis for the elaboration of the activities. One may conclude that encouraging students to create OER, through the use of the computer, besides promoting research is a way to awaken creativity through authorship and to reflect on the ethical use of information available on the internet.

**Keywords:** teaching and learning English, digital information and communication technologies, authorship.

---

## Introdução

O ensino de língua inglesa (LI) sofreu transformações com a inserção das tecnologias digitais de informações e comunicações (TDIC) na escola, modificando a

---

\* Mestre em Ensino com área de concentração em Linguagens, Tecnologias e Cultura pela Unioeste (2018). E-mail: eti\_mello@hotmail.com.

\*\* Professor Associado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel. E-mail: boscaroli@gmail.com.

forma como aprendemos e ensinamos. Imagem, som, vídeo e texto convergiram para o computador e para outros dispositivos, como o *tablet* e o telefone celular, de modo que a aprendizagem passou a ocorrer de diversas formas e em diferentes plataformas, extrapolando a sala de aula e suas metodologias tidas como tradicionais.

Dadas essas inúmeras possibilidades, buscar estratégias que auxiliem no desenvolvimento de propostas pedagógicas associadas ao uso das TDIC, se torna um grande desafio para o professor que, muitas vezes, não tem formação ou conhecimento na área, diferentemente dos alunos, nativos digitais<sup>1</sup>, que se sentem mais confortáveis ao utilizar as tecnologias (PRENSKY, 2001), pois estão a todo momento em contato com algum tipo de tecnologia, seja por meio dos computadores, *tablets*, *smart phones* etc.

Entretanto, o uso dessas tecnologias na maioria das vezes se limita ao interesse do aluno, que ainda não as percebe como ferramentas de ensino e aprendizagem. Sendo assim, para criar práticas pedagógicas inovadoras que chamem a atenção dos alunos inseridos no mundo digital, é necessário alinhar o conteúdo e a tecnologia com metodologias que despertem e cativem o interesse do aluno em aprender. Prensky (2001, p. 4) já sugeria que o professor, além de aprender coisas novas, deve também “aprender novas maneiras de fazer coisas antigas”, o que não significa apenas transpor o livro impresso em uma plataforma digital, mas que o processo deve acontecer de forma significativa.

A internet é um meio onde o professor pode encontrar recursos, ideias e formas de dinamizar as aulas de LI. Por se tratar do ensino de uma língua considerada global<sup>2</sup>, bastante presente nos meios tecnológicos, as TDIC proporcionam maior aproximação e experiência com as variedades linguísticas da LI, e o contato com a língua pode ocorrer de diversas formas, como *chats*, fóruns, vídeos, *podcasts*, notícias, *software* etc.

Contudo, para fazer uso desses materiais para elaboração de aulas, é necessário que estejam com licença aberta<sup>3</sup>, pois nem tudo que é disponibilizado na internet pode ser utilizado, copiado ou, muito menos, adaptado sem a devida permissão. Os materiais

---

<sup>1</sup> Nativos digitais é o termo utilizado por Prenski (2001) para referir-se àqueles que nasceram no mundo digital, ou nascidos após 1980 e que têm habilidade para usar as tecnologias digitais.

<sup>2</sup> Uma língua assume o status de global quando alcança um papel especial de ser reconhecida em qualquer país [...] tem um pouco a ver com o número de pessoas que falam a língua (CRYSTAL, 2003, p. 3, tradução nossa).

<sup>3</sup> Significa que o detentor de direito autoral daquela obra decidiu compartilhar com a sociedade parte de seus direitos patrimoniais de autor, como os direitos de cópia, reprodução, redistribuição, utilização da obra original para criação de obras derivadas, recombinação ou outros. (ROSSINI; ABDO, 2011, *on-line*)

de ensino e aprendizagem disponibilizados de forma aberta, ou seja, sob o domínio público ou publicados sob licença livre, são chamados de recursos educacionais abertos (REA), os quais estão disponíveis sem qualquer suporte, podendo ser utilizados, adaptados ou compartilhados por terceiros (UNESCO, 2011).

Os REA não necessariamente precisam estar vinculados às TDIC, mas ao integrá-las é possível transformar a sala de aula em um espaço mais criativo e colaborativo, desenvolvendo a autoria e autonomia do aluno. Nesse contexto, os alunos terão a oportunidade de perceber que as tecnologias digitais podem também ser utilizadas para aprender e que o professor pode utilizá-las para ensinar, de tal forma que ambos trabalharão em conjunto na construção do conhecimento.

Ao analisar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>4</sup> percebe-se que algumas propostas vão ao encontro das concepções trazidas pelos REA. Um exemplo está em uma das competências para o ensino de LI que é a de “utilizar novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável” (BRASIL, 2017, p. 244).

Este artigo traz a proposição de atividades com TDIC, alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que poderão ser compartilhadas como REA, no intuito de demonstrar que esses recursos usados nos laboratórios de informática da escola podem ser promissores ao ensino de LI, bem como no intuito de promover a pesquisa por meio do uso do computador e da internet, incentivando a autoria e a colaboração entre alunos e professores.

### **Reflexões e Fundamentos Teóricos sobre REA**

O incentivo a práticas pedagógicas inovadoras e colaborativas para atender às necessidades da sociedade globalizada e moderna é alvo de discussão já há algum tempo. Um movimento que tem chamado a atenção é a Educação Aberta (EA), que visa a buscar “alternativas sustentáveis para algumas das barreiras evidentes no que tange ao direito de uma educação de qualidade” (AMIÉL, 2012, p. 18).

---

<sup>4</sup> Documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE), (BRASIL, 2017, p. 5).

Inseridos nesse modelo educacional estão os REA, como alternativa à regulamentação do uso de materiais educacionais, visto que seu diferencial é estarem disponibilizados de forma aberta. Por conta dessa abertura, há redução nos gastos provenientes dos direitos autorais para a elaboração de materiais didáticos e a possibilidade de promover uma reeducação na postura quanto aos direitos autorais vigentes no mundo virtual.

Segundo Lima e Rodrigues (2014), o uso que os alunos e até mesmo professores fazem de imagens, arquivos, textos, vídeos, músicas etc., na maioria das vezes sem autorização, ou mesmo sem citar a fonte, são práticas que violam a Lei dos Direitos Autorais (LDA) nº 9.610<sup>5</sup>. Por vezes, essas práticas de violação à referida lei são cometidas por falta de conhecimentos e por ter se tornado algo tão frequente que “a aplicação dessa lei em nosso contexto atual, (...) já não suporta as nossas necessidades reais no tocante ao uso de informações, tendo em vista que as informações são publicadas e atualizadas numa velocidade quase que imensurável” (LIMA; RODRIGUES, 2014, p. 400).

Sendo assim, os REA possibilitariam o uso desses materiais sem a violação da LDA, pois um dos pilares dos recursos abertos é o criador da obra “dar maior liberdade, para que terceiros usem, reusem e se apropriem dos recursos” (EDUCAÇÃO ABERTA, 2013, *on-line*). Mas, para que um recurso educacional seja considerado um REA, Rossini e Abdo (2011) afirmam que deve existir quatro permissões básicas ao usuário, chamados de “4Rs”: *review*, *reuse*, *remix* e *redistribute*, ou seja, revisar, reusar, remixar<sup>6</sup> e redistribuir. Dessa forma, pode-se criar um REA inspirado em outro, mas em um contexto diferente; adaptar ou melhorar um REA de acordo com suas necessidades; misturar dois REA, criando assim um novo e, por fim, compartilhar o REA com outras pessoas, para que estas copiem, adaptem ou remixem (ROSSINI E ABDO, 2011).

Os REA possibilitam novas perspectivas de ensino e aprendizagem, pela reflexão crítica e ética do compartilhamento e criação de materiais didáticos de acordo com o contexto e as necessidades da sala de aula. Além disso, promovem espaço para a

---

<sup>5</sup> A Lei garante o direito de o autor fazer o uso de sua obra como desejar e ainda destaca a necessidade de autorização prévia e expressa do autor para a reprodução parcial ou integral. Caso não haja autorização, a LDA prevê punição nas esferas cível e criminal. O texto completo da lei está disponível em: [http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/Leis/L9610.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/Leis/L9610.htm).

<sup>6</sup> Ou seja, recombinar: compreende a liberdade de combinar e fazer misturas e colagens de REA com outros REA para a produção de novos materiais (ROSSINI E ABDO, 2011, *online*).

autoria, tanto do professor como do aluno, em que ambos podem fazer parte de um processo de criação, tornando as aulas mais criativas.

Segundo Costa *et al.* (2016) os REA podem contribuir significativamente com o ensino e aprendizagem de línguas, bem como a prática pedagógica mediada por tecnologias. Saber explorar as potencialidades dos REA no ensino da LI, significa evidenciar ainda mais o uso das tecnologias, pois práticas colaborativas, interativas, de reuso e adaptação são inerentes deste contexto.

As TDIC possibilitam a aproximação à realidade comunicativa e à cultura da LI, promovendo um contato autêntico com diversas variedades da língua. Somando isso aos REA, há a facilidade ao acesso e uso dessas informações disponíveis *online*, pois os mesmos estão disponíveis de forma aberta, possibilitando que o professor faça adaptação dos conteúdos de acordo com a cultura, realidade local, necessidade, perfil e proficiência dos alunos. Em uma cidade turística, por exemplo, o ensino de inglês poderia ser adaptado a esse contexto, ressaltando questões culturais da cidade e até mesmo das variações linguísticas, uma vez que recebem pessoas de diversos países e utilizam o inglês para se comunicar. Além disso, há trocas significativas entre professores e alunos, todos cooperam na construção do conhecimento. Por se tratar de modelo educacional mais versátil, o aluno pode personalizar seus estudos conforme sua necessidade e

(...) graças a essa flexibilidade na construção do conhecimento, consequência de uma proposta de EA, o aprendiz define *o que, quando e como aprende*, respeitando seus interesses e ritmo de aprendizagem. Contudo, a flexibilidade que esse mesmo aprendiz encontra em contextos não formais de educação não deve ser confundida com ausência de comprometimento em relação ao processo de aprendizagem (MARZARI, 2014, p. 110).

Assim, as possibilidades de aprendizagem aumentam e o aluno pode administrar seus estudos, expandindo os momentos de acesso ao conteúdo para fora da sala de aula, promovendo, assim, a autonomia. O papel do professor, não menos importante, ora é de orientador, ora mediador. Sob essa ótica, Santos (2012, p. 149) afirma que “professor e aluno precisam buscar um processo de auto-organização para acessar a informação, analisar, refletir e elaborar com autonomia o conhecimento”.

Vale ressaltar, que os REA e as TDIC em si não são responsáveis por toda essa “mágica” em sala de aula, mas quem a promove é também o professor. Existem diversos meios e recursos para alcançar os objetivos de uma aula, e o papel do professor é selecionar a melhor forma para tal.

Nesse sentido, Leffa (2015, p. 186, tradução nossa) pondera que “recurso educacional é algo que exige que o aluno faça algo, (...) em termos educacionais, isso é conhecido como envolvimento experimental”, ou seja, independentemente da qualidade do recurso utilizado na aula, sua eficiência só será concretizada a partir do momento em que o aluno estiver envolvido e motivado com a atividade, para tanto é necessário um bom planejamento.

Por isso, buscar novas alternativas que contemplem as atuais necessidades é essencial para uma educação de qualidade e, em se tratando de outra língua, é uma forma de aumentar a exposição do aluno com a língua e formalizar o uso das informações e recursos disponíveis na internet, proporcionando práticas significativas de ensino e aprendizagem. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico e a proposição de exemplos de uso de recursos educacionais abertos no contexto do ensino de LI. Utilizou-se da revisão bibliográfica para explorar o tema em questão, juntamente com a análise documental da BNCC, para a elaboração das atividades.

Mello (2018), ao analisar os relatos dos professores de inglês no que tange ao uso dos Laboratórios de Informática, verificou que este espaço é um ambiente muito pouco utilizado. Os motivos elencados pelos professores foram, em sua grande maioria, relacionados com problemas de infraestrutura tecnológica das escolas. De acordo com os professores, isso acontece, pois não existe uma manutenção regular dos computadores, assim, acabam ficando sucateados ou obsoletos, impossibilitando o uso. Mesmo quando o problema não é a infraestrutura, outros entraves apresentados pelos professores são o tempo de deslocamento dos alunos, a dificuldade de utilizarem os computadores, ou o fato de não terem apoio técnico.

Esta informação corrobora os dados da pesquisa realizada pelo movimento Todos Pela Educação<sup>7</sup>, em 2017, revelando que, assim como o relato dos professores,

---

<sup>7</sup> Pesquisa realizada em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Instituto Natura, Itaú BBA, Fundação Telefônica Vivo e Samsung. O estudo “O que pensam os professores brasileiros sobre a tecnologia digital em sala de aula?” é uma das maiores amostras já coletadas na área e traça um retrato abrangente para entender a realidade dos docentes. Para saber mais, acesse <https://www.todospelaeducacao.org.br/tecnologia/>.

além da formação, a infraestrutura é dos aspectos limitadores para o uso das TDIC na sala de aula pela rede pública no Brasil. Sobre essa questão de infraestrutura, já está previsto nas metas do Plano Nacional de Ensino (PNE) desde 2014:

Universalizar, até o quinto ano de vigência deste PNE, o acesso à rede mundial de computadores em banda larga de alta velocidade e triplicar, até o final da década, a relação computador/aluno (a) nas escolas da rede pública de educação básica, promovendo a utilização pedagógica das tecnologias da informação e da comunicação (BRASIL, 2014).

De acordo com o último Censo Escolar 2017, houve um avanço no processo de informatização das escolas, contudo essa meta ainda não se concretizou, de modo que “apenas 46,8% das escolas de ensino fundamental dispõem de laboratório de informática; 65,6% das escolas possuem acesso à internet; em 53,5% das escolas a internet é do tipo banda larga” (INEP, 2018, p. 5).

Os depoimentos coletados por Mello (2018) demonstram o grande desafio que é inserir o computador na prática pedagógica do professor. No caso em que há uma boa infraestrutura nos laboratórios, o professor deve deixar o aluno manusear a máquina e explorar as possibilidades de ensino e aprendizado por meio dela, mostrando que este recurso pode ser usado também para pesquisa e criação, não somente para jogos, como na maioria das vezes acontece.

No entanto, para aproveitar o que o computador tem de melhor, deve-se utilizá-lo como um complemento das atividades curriculares, pensar em propostas, projetos e metodologias que melhor se adequem aos conteúdos (MERCADO, 2002). Pensando neste contexto, a próxima seção traz sugestões de atividades alinhadas com a BNCC (BRASIL, 2017), com o intuito de incentivar o uso criativo de recursos tecnológicos digitais nos laboratórios de Informática das escolas, promovendo a pesquisa, a criatividade e a autoria por meio dos REA.

### **Práticas Pedagógicas com REA para a LI**

Antes de iniciar as sugestões das atividades, expõe-se brevemente aqui algumas orientações dos eixos da BNCC (BRASIL, 2017) nas quais as atividades foram baseadas, mostrando que estas podem estar alinhadas às concepções dos REA. Em seguida, são propostas quatro (4) atividades, que podem ser desenvolvidas com turmas

do 6º ao 9º ano nas aulas de inglês, como forma de demonstrar o alinhamento vislumbrado e servir de base aos docentes para a criação de outras atividades de ensino.

A BNCC (BRASIL, 2017) traz como uma das competências específicas para o ensino da LI o uso de tecnologias. De acordo com o documento “o trabalho com gêneros verbais e híbridos, potencializados principalmente pelos meios digitais, possibilita vivenciar, de maneira significativa e situada, diferentes modos de leitura (...), bem como diferentes tipos de leitura (...)”, (BRASIL, 2017, p. 242). Dessa forma, as práticas de leitura acontecem por meio da interação do leitor com o texto, com base na compreensão e interpretação de diferentes gêneros em LI, disponibilizados em diversos suportes.

Com relação ao processo de escrita, a BNCC (BRASIL, 2017) enfatiza momentos ora coletivos, ora individuais, levando em conta o objetivo do texto, o contexto e os possíveis leitores. Além disso, concebe a escrita como prática social, propiciando o protagonismo do aluno, ou seja, uma escrita autoral.

Para tanto, o uso de textos curtos como mensagens, tirinhas, fotolegendas, adivinhas, entre outros, até aos mais elaborados como autobiografias, enquetes, notícias, relatos de opinião, *chat*, folder etc. são parte do trabalho em sala de aula e “contribuem para o desenvolvimento de uma escrita autêntica, criativa e autônoma” (BRASIL, 2017, p. 243). Essas habilidades são indispensáveis para o atual contexto em que os alunos são frequentemente estimulados pelas TDIC.

O conhecimento linguístico é trabalhado de forma prática, reflexiva e contextualizada, vinculado à oralidade, leitura e escrita. Os aspectos linguísticos também devem explorar a diversidade da LI, relacionando semelhanças e diferenças com a língua portuguesa, entre outras, com o intuito de dar visibilidade a outras línguas (BRASIL, 2017). Ainda neste contexto de diversidade, o documento traz a dimensão intercultural, a qual promove a interação com diferentes grupos de pessoas de diversas culturas, que utilizam a LI para se comunicar. Neste sentido, a LI é vista como língua franca<sup>8</sup>, para tanto, aprendê-la “implica problematizar os diferentes papéis da própria

---

<sup>8</sup> O status de uma língua franca deve ter a capacidade incorporar outras culturas; (...) quando uma língua é utilizada multinacionalmente não necessariamente substitui as línguas locais, mas trabalha de forma complementar, cumprindo diferentes funções (LEFFA, 2002, p. 29, tradução nossa).

língua inglesa no mundo, seus valores, seu alcance e seus efeitos nas relações entre diferentes pessoas e povos (BRASIL, 2017, p. 243).

Esses eixos temáticos estão intrinsicamente ligados, devendo ser trabalhados em conjunto e em usos práticos da LI. Em outras palavras, o documento destaca que o aprendizado da língua deve ser “em uso, sempre híbrida, polifônica e multimodal” (BRASIL, 2017, p. 243), sendo assim, o aluno deve ser exposto a diversos contextos e meios em que a LI circula, preconizando a diversidade linguística.

As atividades sugeridas foram elaboradas pensando nessas orientações, acrescentando-se a isso a possibilidade de elas explorarem recursos dos laboratórios de Informática, incentivando os alunos à pesquisa, à autoria e à autonomia por meio da criação de REA. O Quadro 1 traz as atividades propostas, indicando o ano, os conteúdos, os recursos, as descrições das etapas e o tempo estimado para cada atividade.

Quadro 1 - Sugestões de atividades com REA

<b>Série:</b>	6º ano
<b>Conteúdos:</b>	Gênero textual: História em quadrinhos - HQs Gramática: verbo <i>to be</i> ; adjetivos possessivos Vocabulário: <i>meeting people</i>
<b>Recursos:</b>	Histórias em quadrinhos em inglês (impresso), laboratório de informática com acesso à internet
<b>Etapas / hora aula</b>	<b>Descrição das etapas</b>
<b>1ª etapa 2 horas/aula</b>	Apresentar o gênero textual <i>Comics</i> (História em Quadrinhos - HQs), explicar características, tipos de balões, onomatopeias; linguagem verbal e não verbal. Posteriormente, expor aos alunos diferentes tipos de histórias em quadrinhos em inglês, como “Monica’s gang”, Garfield, e os da Marvel. Solicitar que façam a leitura, em um primeiro momento orientá-los para tentarem compreender a história pelo contexto, posteriormente com ajuda do dicionário.
<b>2ª etapa 2 horas/aula</b>	Fazer um <i>brainstorming</i> no quadro sobre “ <i>meeting people</i> ”, após verificar as expressões e palavras já conhecidas pelos alunos, apresentar novas palavras e expressões em inglês que são utilizadas ao conhecer alguém; <i>etc.</i> Em seguida, apresentar em um contexto de comunicação, que pode ser desenhado no quadro ou representado pelo professor, o uso do verbo “ <i>to be</i> ” e dos adjetivos possessivos para identificar as pessoas.
<b>3ª etapa 2 horas/aula</b>	Solicitar que façam um roteiro para a criação de uma HQ sobre “ <i>meeting people from other country</i> ”, utilizando o novo vocabulário. Nesse momento o professor deve auxiliá-los com o idioma, como também fornecer um dicionário.
<b>4ª etapa 2 horas/aula</b>	No laboratório de informática, utilizar o <i>software</i> <a href="http://www.toondoo.com">http://www.toondoo.com</a> , para a produção das histórias em quadrinhos. Para tanto, é necessário primeiramente o cadastro dos alunos no ambiente, posteriormente o professor deve orientá-los quanto ao manuseio, pois o <i>software</i> é em inglês, contudo o uso é bem intuitivo. Com o roteiro já em mãos, solicitar que os alunos iniciem a construção das HQs com o tema proposto, nesse momento, auxiliar se for necessário, mas procurar deixá-los à vontade para explorarem a criatividade. Por fim, as HQs podem ser compartilhadas nas redes sociais.
<b>Série:</b>	7º ano
<b>Conteúdos:</b>	Gênero textual: biografia Gramática: Passado simples

<b>Recursos:</b>	Celular, laboratório de informática com acesso à internet
<b>Etapas / hora aula</b>	<b>Descrição das etapas</b>
<b>1ª etapa</b> <b>2 horas/aula</b>	Iniciar a aula apresentando a foto de algum famoso e perguntar algumas informações a respeito da vida dessa pessoa, os alunos podem até tentar adivinhar. Depois de todos colaborarem com algumas informações, fazer a leitura da biografia em inglês e verificarem se as respostas deles estavam de acordo. Auxiliá-los com as palavras desconhecidas. Posteriormente, perguntar do que se trata o texto e se eles sabem qual é o nome dado para relato escrito da vida de uma pessoa. Em seguida, apresentar as características e a estrutura de uma biografia.
<b>2ª etapa</b> <b>2 horas/aula</b>	Com a biografia da 1ª etapa, solicitar que os alunos transformem as informações que estão no texto em perguntas. De início, isso pode ser feito em português, mas depois deve-se auxiliá-los a escrever as perguntas em inglês. Após elaborar as perguntas, solicite que os alunos utilizem as perguntas para entrevistar o colega, poderá ser utilizado o gravador de voz do celular para gravar a entrevista, incentivar que os alunos tentem responder em inglês.
<b>3ª etapa</b> <b>2 horas/aula</b>	Depois anotar as respostas e solicitar que, com as informações, escrevam a biografia do colega, mas que não identifique o entrevistado no texto. Assim que todos estiverem com as biografias prontas, o professor deverá recolher os textos e selecionar alguns para ler e os alunos deverão adivinhar de quem é a biografia (deixe claro que o autor da biografia e o entrevistado não podem se manifestar).
<b>4ª etapa</b> <b>2 horas/aula</b>	Levar os alunos para o laboratório de informática para que, dessa vez, pesquisem uma biografia de alguma celebridade de interesse deles e que destaquem os anos e os acontecimentos mais marcantes na vida dessa pessoa. Com essas informações em mãos, solicitar que acessem o <i>site</i> <a href="https://www.canva.com">https://www.canva.com</a> , para criar uma <i>timeline</i> (infográfico) com as principais informações, peça que usem a imaginação para deixar a <i>timeline</i> bem ilustrativa. O professor pode auxiliá-los, mas o <i>site</i> é bem fácil de manusear e tem modelos prontos, que podem, entretanto, ser melhorados/modificados. O professor pode expor essas <i>timelines</i> no mural da escola, bem como compartilhar <i>online</i> .
<b>Série:</b>	8º ano
<b>Conteúdos:</b>	Interculturalidade na língua inglesa, língua global, diversidade cultural e variações linguísticas. Vocabulário: dança, música, comida típica, costumes, etc.
<b>Recursos:</b>	Laboratório de informática com acesso à internet, guia cultural impresso
<b>Etapas / hora aula</b>	<b>Descrição das etapas</b>
<b>1ª etapa</b> <b>2 horas/aula</b>	Iniciar a aula perguntando se eles sabem quais países têm o inglês como língua materna. Depois apresentar alguns dados de quantos e quais países têm o inglês como língua materna, como segunda língua e como língua oficial. A partir dessas informações, mostrar a diversidade de pessoas e culturas que falam o inglês, e que isso reflete em como a língua inglesa é falada e que apresenta variações, assim como no Brasil. Apresentar exemplos de variações, tanto nas palavras, quanto na pronúncia e também nos sentidos.
<b>2ª etapa</b> <b>2 horas/aula</b>	No laboratório de informática, solicitar aos alunos que pesquisem, em duplas, países que tenham o inglês como língua oficial. Escolher um deles (cuidar para que cada dupla pegue um país diferente) e pesquisar sobre alguns aspectos culturais como dança, música, comida, costumes etc. Com essas informações em mãos, solicitar aos alunos que acessem o <i>site</i> <a href="https://www.canva.com">https://www.canva.com</a> e criem um guia cultural, para informar as pessoas sobre alguns aspectos culturais e curiosidades desse país.
<b>3ª etapa</b> <b>2 horas/aula</b>	Promover um dia cultural da língua inglesa, em que as duplas deverão trazer algumas comidas típicas, músicas e os guias culturais impressos, para trocar informações com os colegas sobre os aspectos culturais dos países pesquisados. Esse dia pode ser registrado e compartilhado nas redes sociais ou na página da escola.
<b>Série:</b>	9º ano
<b>Conteúdos:</b>	Gênero textual: propaganda

	Gramática: os verbos imperativos, <i>should</i> , <i>must</i> , <i>have to</i> , <i>may</i> e <i>might</i> para indicar recomendação, necessidade ou obrigação e probabilidade.
<b>Recursos:</b>	Laboratório de informática com acesso à internet e com o Windows MovieMaker instalado, celular, comerciais em inglês pré-selecionados.
<b>Etapas / hora aula</b>	<b>Descrição das etapas</b>
<b>1ª etapa 2 horas/aula</b>	Iniciar a aula com alguns <i>slogans</i> famosos de comerciais como o da Bombril (tem 1001 utilidades); McDonalds (Amo muito tudo isso); Nescau (energia que dá gosto) etc. Perguntar para os alunos se eles sabem de qual marca se trata os <i>slogans</i> . De início, apresentar <i>slogan</i> em português, depois, apresentar outros em inglês como o da Apple ( <i>think different</i> ); Nike ( <i>just do it</i> ); Coca ( <i>open happiness</i> ). A partir dos <i>slogans</i> , trabalhar com os verbos imperativos. Explicar que são utilizados em comerciais e propagandas para persuadir o interlocutor a realizar a ação. Apresentar o gênero propaganda, bem como suas características e a presença de intertextualidade nesse tipo de gênero. Em seguida, apresentar alguns comerciais, solicitando que prestem atenção nos recursos de linguagens utilizados.
<b>2ª etapa 2 horas/aula</b>	Solicitar aos alunos que criem, em grupos, um produto, uma marca e o <i>slogan</i> . Além disso, pedir que façam um roteiro para um comercial, em inglês, do produto que eles criaram. Nesse momento, o professor deve auxiliar os alunos com relação ao vocabulário e à estrutura do roteiro.
<b>3ª etapa 2 horas/aula</b>	Com o roteiro pronto, os alunos deverão montar um cenário e trazer objetos, para que façam a gravação do comercial com o celular. O professor deverá auxiliá-los quanto à pronúncia das palavras.
<b>4ª etapa 2 horas/aula</b>	No laboratório de informática e com o auxílio do <i>Windows MovieMaker</i> , os alunos irão editar o comercial, colocando uma abertura, fundo musical, legenda, créditos etc. Depois, os vídeos poderão ser apresentados para a turma e postados no <i>Youtube</i> . Os mais curtidos poderão ganhar alguma premiação.

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

### Considerações Finais

Os professores precisam ser capazes de incorporar as TDIC como ferramenta usual em suas práticas pedagógicas, trazendo assim mudanças expressivas na qualidade e efetividade de seu trabalho, sob novas perspectivas, com múltiplas plataformas e várias oportunidades de ensinar e aprender.

O incentivo à criação dos REA pelos alunos pode promover a pesquisa, autoria, autonomia por meio de práticas colaborativas, mostrando que as TDIC podem ser utilizadas, se alinhadas aos conteúdos, de forma significativa para o aprendizado de LI. Além disso, esse contexto desperta a conscientização do uso das informações de maneira responsável e ética, sendo possível que os próprios alunos criem seus materiais de aprendizado. Mas, para que práticas como estas sejam uma realidade, espera-se que metas, como as do PNE 2014, realmente se concretizem e que as escolas públicas disponham de recursos tecnológicos, laboratórios de informática e acesso à internet banda larga, viabilizando, assim, o uso efetivo das TDIC.

Quanto à prática do professor, deve-se pensar em propostas inovadoras que tragam o contexto atual do aluno, para o aprendizado de LI. Juntando as TDIC e os REA é possível despertar ainda mais o interesse do aluno em aprender, além de expô-lo às diversidades da língua por intermédio da pesquisa, promovendo a criatividade por meio da autoria, com recursos de que eles gostam e que utilizam em seu dia a dia.

As sugestões de atividades aqui apresentadas podem ser revisadas, reusadas, remixadas, redistribuídas, conforme os princípios dos REA. Como proposta futura, outras atividades podem ser sugeridas e apresentadas, analisadas com outros professores de inglês, para identificar possíveis melhorias.

### Referências

AMIEL, T. Educação aberta: configurando ambientes, práticas e recursos educacionais. In: SANTANA, B.; ROSSINI, C.; PRETTO, N. de L. (Org.). *Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas*. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC 3ª versão*. Brasília, MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base/>. Acesso em: 07 out. 2018.

BRASIL, Presidência da República, Casa Civil (Brasil). *Lei Nº 13.005/2014*: aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm). Acesso em: 28 set. 2018.

CRYSTAL, D. *English as a global language*. 2<sup>nd</sup> Edition. New York: Cambridge University Press, 2003.

COSTA, A. R., FIALHO, V. R., BEVILÁQUA, A. F.; LEFFA, V. J. *Contribuindo com o estado da arte sobre recursos educacionais abertos para o ensino e a aprendizagem de línguas no Brasil*. Revista Veredas (online), 20(1), p. 1-20, 2016. Disponível em: [http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2016/08/Contribuindo-com-o-estado-da-arte\\_artigo-1.pdf](http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2016/08/Contribuindo-com-o-estado-da-arte_artigo-1.pdf). Acesso em: 29 set. 2018.

EDUCAÇÃO ABERTA. *Recursos Educacionais Abertos (REA): Um caderno para professores*. Campinas, 2013. Disponível em: <http://educacaoaberta.org/cadernorea>. Acesso em: 23 set. 2018.

LEFFA, V. J. Teaching English as a multinational language. *The Linguistic Association of Korea Journal*, Seul, Coréia, v. 10, n. 1, p. 29-53, 2002.

LEFFA, V. J. *Producing open educational resources through massive collaboration*. In: International Conference on Information Communication Technologies in Education,

2015, Cós (Grécia). ICICTE 2015 Proceedings. Southampton, Inglaterra: Southampton Solent University, 2015. p. 182-191.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Censo Escolar, 2017*. Rio de Janeiro: MEC, 2018. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2018/notas\\_estatisticas\\_Censo\\_Escolar\\_2017.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_Censo_Escolar_2017.pdf). Acesso em: 29 set. 2018.

LIMA, S. M. M; RODRIGUES, B. G. *Recursos educacionais abertos: reflexões sobre as possibilidades atuais no ensino de língua inglesa mediante a inflexibilidade da lei 9.610 do direito autoral*. Cad. Ed. Tec. Soc., Inhumas, v. 7, p. 396-403, 2014. Disponível em: <http://cadernosets.inhumas.ifg.edu.br/index.php/cadernosets/article/view/220>. Acesso em: 07 out. 2018.

MARZARI, G. Q. *"Quem me ensinou o inglês que eu ensino?"*: a influência das tecnologias digitais na constituição da identidade do professor de línguas do século XXI. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2014, 228f.

MELLO, E. C. F. *O uso de tecnologias nas aulas de língua inglesa no ensino fundamental II de Foz do Iguaçu/PR*. 2018. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2018.

MERCADO, L. P. L. (Org). *Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática*. Maceió: EDUFAL, 2002.

PRENSKY, M. *Digital natives, digital immigrants' part 1*. On the Horizon, Vol. 9 Issue: 5, p. 1-6. 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1108/10748120110424816>. Acesso em: 07 out. 18.

ROSSINI, C.; ABDO, Alexandre. *Recursos Educacionais Abertos: Perguntas frequentes*. 2011. Disponível em: <http://aberta.org.br/faq/>. Acesso em 07 out. 2018.

SANTOS, V. S. *Formação de professores na modalidade presencial e on-line com foco na prática pedagógica com a utilização das TICs*. 2012. 276f. (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2012.

UNESCO. *Guidelines for Open Educational Resources (OER) in Higher Education*. Vancouver: Columbia, 2011. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002136/213605E.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

Recebido em: 30 out. 2018.

Aceito em: 22 mai. 2019.